

CRAVO &amp; FERRADURA

JOSÉ BANDEIRA



## Difícil é fazer bem



**JOÃO CÉSAR DAS NEVES**  
Professor universitário

Vivemos tempos dolorosos, com Portugal enfrentando desafios históricos. São compreensíveis discussões, protestos, até tumultos. Apesar disso, alguns extremos verbais de pessoas responsáveis degradam o debate político. Compreende-se a irritação, mas espanta a falta de sensatez e nível democrático. Precisamente porque o momento é doloroso tem de haver recato.

“É preciso uma nova revolução, há essa tendência de que é preciso modular isto tudo de novo, mas ninguém pensa que a evolução para essa revolução possa ser pacífica. Esse é o grande temor que existe” (Lusa, 17/Out). Quando o herói do 25 de Abril, coronel Otelo Saraiva de Carvalho, fala em revolução exige-se atenção. Mas a revolução que ele fez há 38 anos implantou a democracia, libertou a sociedade, mudou o regime. Onde estão hoje as terríveis situações paralelas às de 1974? Há presos políticos? Censura? Partidos proibidos? Falta de liberdade? Vivemos, sem dúvida, situação grave, mas a questão é de dinheiros, uma herança endividada com zangas nas partilhas. É normal os ânimos

exaltarem-se, mas não é digno comparar tais discussões a momentos grandes do passado. O 25 de Abril teve razões e ideais profundos e não deve ser rebaixado, invocando-o em questões fiscais.

O Dr. Manuel Alegre achou conveniente afirmar: “É bom não esquecer que matou-se um rei, um príncipe, um primeiro-ministro, um presidente da República e até os fundadores da República. Portanto isto não é um povo assim de tão brandos costumes como à primeira vista parece” (TVI24, 17/Out). Pode conceder-se-lhe toda a liberdade poética, mas isto parece incitamento ao terrorismo.

O mais surpreendente e negativo, porém, é ver grandes econo-

mistas, ex-ministros da área do Governo enfurecerem-se com expressões violentas e incendiárias. Por exemplo, a Dra Manuela Ferreira Leite pergunta: “O que é que interessa Portugal não entrar em falência, se no fim vamos estar todos mortos?” (DN, 19/Out). É bom lembrar que para nos matar a todos é preciso bastante mais que alterar escalões do IRS.

Cada um tem as opiniões que quiser, e em tempos dolorosos elas tendem a extremar-se. Apesar disso surpreende a falta de sensibilidade a alguns pontos elementares. Os economistas que zurzem tão violentamente a orientação do Governo conhecem como poucos a situação delicada em que o país

se encontra. Sabem perfeitamente como é mínima a margem de manobra que nos é permitida. A condição do actual ministro das Finanças é a mais limitada e restrita de todos detentores do cargo nas últimas décadas, precisamente por causa dos erros cometidos nessas décadas.

O Orçamento em discussão nasce totalmente espartilhado, preso ao Memorando de Entendimento, que foi concebido, não por forças malélicas, mas pelos nossos parceiros europeus e pela instituição mundial mais experiente em

ajustamento de economias. A reestruturação é indispensável e inevitavelmente dolorosa. O compromisso assinado, vinculativo

em termos nacionais e aceite pelas forças políticas responsáveis, exigia um défice de 3% em 2013. Na última revisão o limite foi ajustado para 4.5%, concedendo na prática mais um ano de folga ao país.

“  
Lamenta-se  
a falta de  
comedimento  
e autocontrolo”

Compreende-se a irritação dos ex-ministros, mas lamenta-se a falta de comedimento e autocontrolo. Eles próprios ouviram no seu tempo frases desse tipo, mas nunca na boca de antecessores. A sua experiência ensinou-lhes como a retórica exagerada pode ser devastadora. Têm consciência que expressões como as que disseram, não contribuindo em nada para resolver as dificuldades, ajudam pelo contrário a aumentar a animosidade, incerteza e desequilíbrio nacionais. Críticas há muitas, e até há alternativas. São é piores. Todas as soluções passam por pedir renegociação das condições, o que manifesta não haver escolha.

A discordância é saudável e o debate democrático. Mas quando as coisas serenarem, será difícil entender como pessoas responsáveis sugeriram revoluções violentas, assassinatos políticos ou que o Orçamento nos mata a todos. É tão fácil dizer mal. Difícil mesmo é fazer bem.

[naohaalmocosgratis@ucp.pt](mailto:naohaalmocosgratis@ucp.pt)

Por decisão pessoal, o autor do texto não escreve segundo o novo Acordo Ortográfico



“A condição do actual ministro das Finanças é a mais limitada e restrita de todos os detentores do cargo nas últimas décadas”

Diário de Notícias controlinveste

**Diretor** João Marcelino **Diretora adjunta** Filomena Martins **Subdiretores** Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Saraiva e Pedro Tadeu **Redator principal** Ferreira Fernandes **Diretor de Arte** Paulo Freitas **Editora executiva** Graça Henriques **Editores executivos adjuntos** Ana Mafalda Inácio (Sociedade), Artur Cassiano (Política), Gonçalo Pereira (Segurança), Helena Teceideiro (Digital/Artes/Globo), Nuno Galopim (Quociente de Inteligência), Pedro Sequeira (Sport) **Política** Paula Sá (editora) e João Pedro Henriques (editor adjunto)

**Pais/Sociedade** Pedro Vilela Marques (editor) e Marina Almeida (editora adjunta) **Pais/Segurança** Carlos Ferro (editor), David Mandim (editor adjunto) **Digital/Artes/Globo** Ricardo Simões Ferreira e Patrícia Viegas (editores) **Sport** Nuno Fernandes (editor), Rui Frias e Bruno Pires (editores adjuntos) **Grandes repórteres** Céu Neves, Eurico de Barros, Fernanda Cândia e João Céu e Silva **Departamento de Arte** Vítor Higgs (diretor adjunto), Eva Almeida e Marta Rocha (coordenadores) **Infografia** Cristina Santos (coordenadora) **Fecho da Edição** João Galamba Pinto

(editor) **Notícias Magazine** Catarina Carvalho (diretora executiva), Paulo Farinha (editor executivo) **Notícias TV** Nuno Azinheira (diretor executivo) **Conselho da Redação** Céu Neves, Eurico de Barros, Licínio Lima, Maria João Caetano e Rui Pedro Antunes **'Email' geral da Redação** dnot@dn.pt **CONTACTOS Lisboa** Avenida da Liberdade, 266, 1250-149 LISBOA – Tel.: 213 187 500 – Fax: 213 187 515 **Porto** Rua de Gonçalo Cristóvão, 195 – 5.º, 4000-269 PORTO – Tel.: 222 096 350 – Fax: 222 096 163 **Colmbra** Rua João de Ruão, 12 Edifício Arnado,

12.º, 3000-229 COIMBRA – Tel.: 239 859 621 – Fax: 239 859 623 – Publicidade 239 859 605/6 **Faro** R. Brites de Almeida, 12, 2.º Dt.º, 8000 FARO – Tel. 289 804 161/2 – Fax 289 803 173 **Funchal** Tel. 291 233 744 – Fax 291 223 853 **Leiria** Av. D. João III, Edifício 2002, Porta A, 3.º, Sala 3, 2400-164 LEIRIA – Tel.: 244 848 670 – Fax: 244 848 689 – Pub. 244 848 680. Tiragem média diária de setembro de 2012: 45 116 exemplares